

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 187

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fôra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem de conto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

LIBERDADE DE IMPRENSA

Varios oradores parlamentares atacaram ultimamente, nas camaras, o odioso regimen a que está sujeita a imprensa em Portugal.

Da muita ou pouca sinceridade d'esses oradores é inutil averiguar. Não ha duvida que os progressistas fizeram o mesmo que os regeneradores. Não ha duvida nenhuma. Mas isso não diminue o rigor de verdade das ultimas affirmações parlamentares. Pelo contrario, se os progressistas praticaram os actos que censuram nos regeneradores, mais accentuado ficam o grau e o caracter das atrocidades commettidas em materia de liberdade de imprensa.

Os progressistas continuarão amanhã os actos dos regeneradores. Mas o que é certo é que elles proprios reconheceram que vivem n'um regimen de oppressão e despotismo. N'esse ponto, ao que parece, todo o mundo está d'accordo, o que já não é mau.

Os defensores do governo insinuam que a imprensa quer o regimen da irresponsabilidade. E' uma insinuação asnatica. A imprensa não quer, pelo simples motivo de que o não pôde ter, de que nunca o teve, o regimen da irresponsabilidade. Nunca o teve em parte alguma do mundo. O que a imprensa quer é um regimen commum. Não comprehende um regimen d'excepção. E é perfeitamente um regimen de excepção aquelle a que está sujeita a imprensa em Portugal.

Para mal dos nossos peccados basta já o facciosismo da magistratura. Na Louzã, no Funchal, em Aveiro, n'outros pontos são intensos os clamores contra a injustiça dos magistrados. Aqui, em Aveiro, sabe se como este periodico tem sido victima da ferocidade do homem que preside, por desgraça, á magistratura local. O tyrannete, que absolve assassinos, desordeiros, arruaceiros da peor especie, tem condemnado ás mais duras penas o editor d'este periodico, em sentenças reconhecidas como manifestamente injustas pela Relação do Porto. Ora, para mal dos nossos peccados, basta já o facciosismo da magistratura. Ficarmos ainda sujeitos a apprehenderem-nos as edições, a entrarem-nos em casa, a sellarem-nos as portas, é tyrannia demasiada.

A imprensa não quer irresponsabilidades. O que não quer são regimens d'excepções.

Todos reconhecem já esse odiosissimo regimen. Oxalá que d'esse reconhecimento possa resultar algum acto de justiça.

Não confiamos. Mas registamos. Sempre é bom registar.

O doutor Affonso

Vae n'outro lugar, transcripto da *Voz da Officina*, periodico republicano e socialista de Vizeu, um artigo sobre o sr. Affonso Costa.

Vê-se d'esse artigo que o sr. Affonso Costa, convidado ha mezes a defender aquelle periodico, se negara a isso, sob pretexto de que só entrava em questões meramente republicanas. Questões politicas, é claro. E como só entrava em questões meramente republicanas, veio a Aveiro e foi a Vizeu fazer o jogo dos reaccionarios contra os liberaes e contra os republicanos!

Que nos dizem a isto?

Em Aveiro convidámos nós o sr. Affonso Costa a vir-nos defender contra as perseguições canthas dos reaccionarios. O sr. Affonso Costa negou-se, a pretexto de ter relações pessoais com os individuos que nos chamavam aos tribunaes. Mas quem eram esses individuos? Como já dissémos, escreviamos ao sr. Affonso Costa apenas na hypothese provavel de ser requerida contra nós alguma policia correccional. Ainda não tinha sido requerida nenhuma, e, tendo nós atacado varios figurões, não podiamos prever qual fosse o primeiro a investir conosco. Extranhámos, portanto, que o sr. Affonso Costa estivesse em relações d'amizade com todos os apostatas e reaccionarios de Aveiro, que formavam, juntos, o grupo francaceo. E que estava em relações, e intimas, com todos elles, não havia duvida, ou soubesse antecipadamente qual era ou quaes eram os que requeriam policia correccional contra nós, ou não soubesse. Comtudo, apesar da nossa extranheza calámonos, e continuámos a tratar o sr. Affonso Costa com toda a deferencia, n'este periodico, como até ahí, sempre que a elle nos referiamos. Só o censurámos abertamente quando s. ex.ª, que não nos podia vir defender, a nós, contra os reaccionarios e apostatas, por manter com estes relações de amizade, os vinha defender a elles contra a causa liberal e contra nós.

Vê-se agora, pelo artigo da *Voz da Officina*, que aconteceu precisamente a mesma coisa em Vizeu. Aquelle periodico tem estado sempre em lucta com o elemento reaccionario. Perseguido nos tribunaes; recorreu aos serviços do sr. Affonso Costa, que lh'os negou. Mas logo que os mesmos reaccionarios são processados, como auctores dos maiores e mais graves attentados eleitoraes, o sr. Affonso Costa, o homem que escandalosamente se hospedou em Aveiro em casa d'um apostata, um fraldiqueirito sem valor nenhum, mas apostata em todo o caso, o homem que se banquetou em casa d'esse fraldiqueirito com outros apostatas e com aquelle celebre Jayme de Magalhães Lima que applaudiu calorosamente na camara dos deputados a reforma da policia de Lisboa, que disse na mesma camara que o povo só se levava pela coacção, que achou que o João Franco tinha sido fraco no emprego dos meios repressivos contra a colligação liberal; que declamou que a dictadura do João Franco tinha

sido tão gloriosa e tão proveitosa como as revoluções liberaes do seculo findo, o sr. Affonso Costa, esse homem, não só está logo prompto a defende-los, como a defende-los contra os principios liberaes, em geral, e contra as pessoas dos republicanos, em particular.

D'onde se vê que o *Liberal* tem razão, quando fala na connivencia de varios republicanos do norte do paiz com o sr. João Franco, e que o *Norte* está a mangar com a tropa quando se refere á affirmação do *Liberal* em tom de zombaria e de duvida. Não serão capazes d'isso, e não são, os republicanos que constituem a redacção do *Norte*. Não os conhecemos a todos. Mas conhecemos alguns, e a esses, que conhecemos, prestamos a homenagem que a sinceridade das suas convicções nos merece. No entanto, é caso sempre para se dizer que o *Norte* manga com a tropa quando zomba da affirmação do *Liberal*, porque demasiadamente conhecem os seus redactores o sr. Affonso Costa. E os factos ahí estão falando eloquentemente.

A *Voz da Officina*, n'outro artigo diferente d'aquelle que hoje transcrevemos, artigo em que relata os successos do tribunal nos dois dias de julgamento dos auctores dos attentados eleitoraes commettidos no concelho de Vizeu, faz esta referencia curiosissima:

«Ao referir-se a testemunha ao roubo da eleição em Silgueiros, disse o sr. Affonso Costa que o mesmo lhe fizeram na eleição d'elle, no Porto, regeneradores combinados com progressistas, não tendo por isso uns nem outros auctoridade para se queixar de roubos; e acrescentou:

— Sim; o unico homem que aqui está com senso sou eu.»

Esta doutrina define perfeitamente o doutor republicano. Define-o pelo lado moral e pelo lado intellectual. Sim, pelo lado intellectual tambem. Como já dissémos, o doutor Affonso é um palrador de merecimento. Um palrador talentoso, se quizerem. Mas myope, myope. Curtinho. Isso é que não offerece duvida nenhuma. Curtinho. Está muito longe de ser um espirito elevado. Oh! se está!...

Regeneradores e progressistas não teem auctoridade para se queixar de roubos; mas, de hoje por deante, os republicanos tambem não. Tambem não, rico doutor Affonso. Os bellos vintemsiuhos que o senhor doutor ganhou em Vizeu—e eis ahí porque elle é um homem de senso e porque o proclama—ficam muito mais caros aos republicanos que aos heroes de Silgueiros. Os heroes de Silgueiros poderão ganhar alguma coisa; mas os republicanos é que perderam tudo, sem ganhar coisa nenhuma. Olé, rico doutor Affonso!

Os progressistas roubam nas urnas e as urnas; portanto não teem auctoridade. E' logico. Os regeneradores roubam nas urnas e as urnas; portanto auctoridade não teem. Logico é. Mas auctoridade não teem tambem os republicanos quando defendem os roubos dos regeneradores ou os roubos dos progressistas em vez de os combaterem e estigmatizarem sempre, sempre, e sempre. Duas vezes logico agora, carissimo dou-

tor. Duas vezes logico. Duas vezes logico. Sejamos logicos até ao fim.

Os progressistas não teem auctoridade para se queixar de roubos eleitoraes. Nem os regeneradores. Mas o que elles ficaram tendo, todos, é auctoridade para roubar, de futuro, os republicanos, auctoridade que não tinham até aqui.

De fórma que o senso do doutor Affonso ficou reduzido ao diuheiro que elle ganhou como advogado. A isso. Só a isso.

E por esse lado concordamos em que o doutor Affonso é realmente um homem de senso. Se era o unico que estava no tribunal de Vizeu, ignoramos. Mas que ha poucos de tão bom senso como elle em Portugal, apesar de haver muitos e muitos com senso d'aquelle, concordamos. Plena, plenuissimamente concordamos.

Está habilitado a ser ministro com o João Franco.

Mas estes Costas que são todos assim!...

Não basta ao homem conhecer a verdade; é necessario que elle a propague a todos os instantes da sua existencia, ainda que com o risco da propria vida, pois seria um acto egoista calar a verdade, quando nós chegamos a comprehendê-lo porque antes de nós, pensadores e sábios illustres a propagaram, contribuindo por esse modo para a emancipação da nossa intelligencia.

BENJAMIN MOTTA.

Congresso Maritimo

Regressou de Lisboa, onde foi tomar parte no Congresso Maritimo como representante das companhias de pesca de S. Jacinho, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, activo presidente da nossa municipalidade.

Lembrámos á camara municipal o estabelecimento, na proxima epoca de cobrição, na freguezia de Gacia, d'um posto hippico de cobrição, servido por um ou dois dos reproductores selectos facultados pelo estado aos particulares, syndicatos agricolas e corporações administrativas. Escolhemos aquella freguezia para installação do dito posto por ser o melhor e mais rico centro de criação cavallar do concelho. Os possuidores d'eguas d'alli teem-se, nos annos anteriores, associada e requisitado padreadores para as suas femeas; este anno, porém, por mal avindos n'essa sociedade, deixaram de os requerer.

Prestava a camara um bom serviço á agricultura do concelho impedindo que se perca um dos mais, senão o mais remunerador ramo da industria agricola do sitio, e se abastarde essa soberba e já hoje afamada criação equina, que tem o seu solar, fixado á custa de longos annos de assíduos cuidados de selecção, n'este concelho e seus circumvisinhos.

A camara, com um pequeno dispendio para o seu cofre, pôde obviar a esta falta, requisitando os precisos sementaes, á maneira do que fazem, no districto, as corporações suas congeneres d'Albergaria, Estarreja e Arouca.

O SR. MATTOSO

O sr. Mattoso faz muito mal em continuar a falar da sua pessoa, isto é, da sua *lealdade politica* e das suas *afeições*, porque continúa a provocar o riso, só o riso, de todos os politicos d'este paiz, que o conhecem por dentro e por fóra.

Não é sua excellencia quem escreve as sandices da papeleta dos francaceo? Ora adeus! Estamos ahí como no caso da *lealdade politica* e das *afeições partidarias* do illustre morgado da Oliveirinha. Não é elle que escreve, não. Mas toda a gente sabe que os garotos não dizem do sr. Mattoso senão aquillo que o sr. Mattoso quer e que o sr. Mattoso manda. Ora adeus! Ora adeus! Essa mania, que tem o sr. Mattoso, de julgar que engana o mundo, ou é vicio ingenito ou tontice de velho.

E, posto isso, que não demanda mais palavras, vamos aos factos.

Diz o sr. Mattoso que se alina politica do districto foi com a *approvação do sr. José Luciano* e muitas vezes estimulado pelas influencias locais. Essa agora não está má! Então foi com a *approvação do sr. José Luciano* que o excellentissimo senhor Mattoso barafustou, enredou, tramou contra a candidatura do sr. Albano de Mello? Foi com a *approvação do sr. José Luciano* que o sr. Mattoso commandou a *revolta dos pategos*? E' com a *approvação do sr. José Luciano* que o sr. Mattoso se colliga com os francaceos para guerrear, por todos os meios, a politica progressista que recebe no concelho de Aveiro publica sancção do sr. José Luciano de Castro?

Bem certo é que mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo. O sr. Mattoso só tem um recurso, que é calar-se. Cale-se, cale-se, que é a unica maneira de se subtrahir á zombaria do publico. Convença-se d'isso por uma vez.

Foi sua excellencia que *arrancou para a vida publica*, como blasona, aquelles que representam a politica official do partido progressista no concelho d'Aveiro?

Então porque deixou de os apoiar? Porque conspira ferozmente contra elles? E' boa! Pois o excellentissimo senhor Mattoso é o *amigo dedicado* do sr. José Luciano, *amigo pessoal e politico*, pois o sr. Mattoso é um dos mais *valiosos auxiliares* do partido progressista, pois o sr. Mattoso só tem dado provas de *abnegação e lealdade*, e não é elle o escolhido pelo sr. José Luciano para representar, officialmente, a politica do partido progressista no concelho de Aveiro?

Oh, sr. Mattoso! Oh, sr. Mattoso! Veja lá o que diz. Olhe que ali ha equivoco. Com certeza!

A camara municipal do concelho de Aveiro ainda não foi repudiada, que se saiba, pelo chefe do partido progressista. E contra essa camara trama e conspira a toda a hora o excellentissimo senhor Mattoso. E contra essa camara se fez a indecente tranquillibria da *revolta dos pategos*, tranquillibria de que o sr. Mattoso tinha conhecimento plenissimo, de cuja execução e peripeçia era informado, telegraphicamente, de hora a hora.

O sr. José Luciano, diz a papeleta do sr. Mattoso, subscreve as cartas que recommendam a assignatura do «Progresso de Aveiro», que, já por isso, já pela propria declaração inscripta no cabeçalho d'aquelle periodico, declaração nunca desmentida, é o orgão official do partido progressista no districto de Aveiro. Mas a immunda papeleta que representa todo o sentir do sr. Francisco de Castro Mattoso, constantemente atira lama ao periodico que o sr. José Luciano, officialmente, reconhece e protege.

Como diabo harmonisa o sr. Mattoso tudo isso com a sua *abnegação politica*, com a sua *lealdade partidaria*, com as suas *afeições por seu irmão*? Ou é mysterio ou enguço!

O sr. Mattoso é a *abnegação*, a *lealdade*, a *fidelidade* personificada. E' o mais *valioso auxiliar* do partido progressista no districto de Aveiro. Mas o sr. José Luciano recommenda a candidatura do sr. Albano de Mello e o sr. Mattoso guerreia-a ferozmente. Uma camara francacea, n'este concelho, impossibilitando o triumpho d'uma camara progressista. Mas o sr. Mattoso, deante da desistencia dos francaceos, finge proteger, então, a eleição da camara progressista, quando tal protecção, n'esse momento, era completamente escusada. Mas tanto essa protecção era fingida, era falsa, era hypocrita, que o sr. Mattoso se associa, a breve trecho, a todas as conspirações e tramas, ainda as menos correctas, para fazer cair, ou perder no conceito publico, a vereação eleita. Mas o sr. Mattoso tão intimamente protege a canalha que censura um garoto por elle o não ouvir nem consultar em *pendencias de honra*, quando (textual) o *consulta e ouve em tudo*. Mas o sr. Mattoso tanto tem a consciencia da profunda incorrecção dos seus actos que se vem apregoar, ou se deixa apregoar como o elemento mais *leal*, mais *dedicado*, mais *valioso* e mais *fiel* do partido progressista no districto de Aveiro, ao mesmo tempo que reconhece que não é a elle, mas aos seus adversarios, que o sr. José Luciano entrega a direcção d'esse partido.

Cala-se, sr. Mattoso. Tome o nosso conselho. Cale-se, que não tem outro recurso.

Na furia dos seus despeitos e dos seus odios pretende o sr. Mattoso que é por *ordem* do sr. Manuel Homem de Mello que o estamos atacando. Outro vicio ingenito, de capitão-mór, ou outra tontice de velho. O sr. Mattoso bem sabe que nunca recebemos, n'esse sentido, ordens de ninguém. Sabe-o o sr. Mattoso e sa-

be-o todo todo o mundo. Pois o sr. Mattoso julga-nos capaz de receber *ordens* do sr. Manuel Homem de Mello e dizia a toda a gente, e mais do que uma vez o escreveu a papeleta immunda, orgão do morgado do Carmo e do morgado da Oliveirinha, que não tardaria que fizéssemos ao sr. Manuel Homem de Mello aquillo que estamos fazendo aos dois excellentissimos morgados? Não houve intriga a que a cambada não recorresse para nos indispor com o elemento progressista que apoiamos na localidade em defeza dos interesses d'esta terra e da causa liberal. Como nada conseguisse, sabe-se agora a dizer que nos *vendemos* ao sr. Homem de Mello e que d'elle recebemos *ordem* para atacar o morgado da Oliveirinha.

Não é com essas, caro sr. Mattoso, que nos incomoda ou nos perturba. Nem com essas, nem com nenhuma. As nossas profissões de fé estão feitas ha muito. Não precisamos repetilas. Quem nós somos, e como costumamos proceder, tambem é sabido de todo o mundo. Não temos feito, nem tivémos nunca, para aceitar *ordens* de ninguém. Apoiámos, apoiámos e apoiaremos o elemento progressista, que o sr. Manuel Homem de Mello representa, contra a torpe colligação de apostatas e reaccionarios de todos os matizes. Mas apoiamo-lo em defeza dos interesses da cidade e da causa democratica pela qual sempre temos combatido. Se algum dia pedirmos algum favor ao sr. Manuel Homem de Mello, podem estar certos de que não é em troca de *ordens*. Mas se quiserem dizer o contrario, digam. Para nós é o mesmo.

Nem o sr. Manuel Homem de Mello nos dava *ordens*, nem nós as recebiamos, nem eram precisas no caso presente. Não foi o sr. Homem de Mello que nos falou no sr. Mattoso. Foi o *Cabecinha*, o *Chica* ou qualquer dos idiotas que rabiscam na suja papeleta dos morgados. Se querem queixar-se de alguém, queixem-se d'elles.

Para sabermos que o sr. Mattoso combateu ferozmente a candidatura do sr. Albano de Mello, para sabermos que o sr. Mattoso, o *lealissimo progressista*, quiz fazer eleger uma camara francacea, para sabermos que o sr. Mattoso, o elemento *mais valioso* do partido progressista no districto de Aveiro, esteve em dia com a conspirata revoltante que teve como desfecho a *revolta dos pategos*, para sabermos que o sr. Mattoso, o homem das *afeições pessoais e politicas*, manda injuriar todos os dias os representantes officiaes da politica progressista, não precisavamos que o sr. Homem de Mello nos dissesse coisa nenhuma.

O sr. Mattoso, com uma insinuação de tal ordem, só demonstra o seu cego rancor ou a sua insanía.

Se não queria que lhe fossem á mão não tivesse a audacia de mandar, ou permittir, que um idiota falasse de papo nas relações dos progressistas de Aveiro, em geral, e do sr. Mattoso, em particular, com o sr. José Luciano de Castro. Um idiota, um pelinirão, que todos os dias arremessa lama aos homens mais de-

dicados do partido progressista, um pelinirão que se diz abertamente francaceo e que só do partido progressista, por intermedio do sr. Mattoso, espera a cõdea que de longa data cubica, ter o arrojo de falar paternalmente ao sr. José Luciano de Castro, ter o descaramento de se dirigir sem reboço ao chefe do partido progressista para o incitar a pôr de parte os serviços de velhos e dedicados amigos em troca das *afeições pessoais e politicas* do sr. Mattoso, e tudo isso como quem traz o rei na barriga, que é o mesmo sr. Mattoso, n'este caso, um pelinirão d'esses a armar o parentesco do sr. José Luciano com o sr. Mattoso em razão d'estado, constituiria a ultima das affrontas se por ella se não tomassem severas contas ao sr. Mattoso, que é, no fim de contas, o unico que d'ella tem a responsabilidade.

O garoto, n'este assumpto, está ao mando exclusivo do sr. Mattoso. Só por ordem d'elle procede. E quando não procedesse por ordem d'elle, não deixaria de interpretar fielmente as suas opiniões.

Não se queixe, pois, o sr. Mattoso do sr. Homem de Mello, que nada tem conosco n'esse ponto. Escrevemos, como sempre, unicamente aquillo que nos apraz. Queixe-se da sua imprudencia ou da sua insanía.

E voltaremos ao assumpto.

— Só um povo bem instruido pôde conservar-se livre.

MADISON.

Variola

Dizem-nos que em Esgueira se acha um individuo atacado de variola, e que a casa de habitação se acha isolada e com um policia permanente á porta para não deixar entrar ninguém, á excepção de quem ministra os soccorros e alimentos ao varioloso.

Achamos bem entendido, mas o que não percebemos é como haja tanto rigor em Esgueira, e se abandonem outras povoações tambem proximas da cidade, como por exemplo Villarinho, onde nos dizem haver uns quatorze variolosos. Ou rigor para todos, ou para ninguém.

Do sr. Mario Duarte, acabamos de receber as seguintes

DESPEDIDAS

Mario Duarte e sua esposa, a Baroneza da Recosta, vem por este meio despedir-se de todas as pessoas das suas relações e offercem a sua casa em Anadia e em Lisboa, rua de São Caetano, 31.

Mario Duarte, não tendo podido despedir-se dos seus amigos, por motivo de doença, vem por este meio fazel-o, offercendo a sua casa em Anadia e em Lisboa, na rua de São Caetano, 31.

Aveiro, 7 de fevereiro de 1903.

Cadeias de Aveiro

Movimento dos reclusos nas cadeias d'esta comarca, durante o mez de janeiro findo:

Homens entrados 7; ditos sahidos 6; existentes 13.
Mulheres entradas 0; ditas sahidas 2; existentes 4.
Total 17.

Sendo por offensas corporaes 9, por furto 4, por homicidio voluntario 3 e por passagem de notas falsas 1.

ADEUS, FRANCACEOS!

O *Liberal*, que tem sido orgão dos francaceos, escrevia n'um dos ultimos numeros:

«Na situação actual da nossa politica a opinião publica abraça o primeiro grupo partidario que se comprometa a defender a liberdade, a economia, a moral e a ordem. Os francistas não crearam raizes na opinião publica, porque, alem de não quererem trabalhar, n'uma doce contemplação de palacianismo improprio do nosso tempo, violam evados d'uma tradição de esfoladores, irreconciliaveis da liberdade, amigos dos *grandes* e perseguidores dos *pequenos*. Creemos que n'esta parte a opinião publica não foi completamente justa para com os francistas.

A verdade é que os homens mais illustros do grupo foram pouco e pouco debandando, e nós, que fomos sempre especuladores benevolos da vida esmorecida e sem energias d'aquelle infeliz grupo politico, sentimos sinceramente o seu malogro, tanto mais que muitas vezes animamos os francistas e os aconselhámos a entrarem n'um caminho franco de lueta para reivindicar as liberdades populares.

Não conseguimos nada, com desalento e confessamos. Mas agora, que a tentativa francista abortou, não se julguem vencedores os tiranetes, porque outros virão que hão-de impor aos que abnsam do poder o respeito pela lei, pela ordem e pela liberdade. O que está não pode continuar.»

Por isso elles se agarram todos ás abas da casaca do Mattoso!

Agora é que é vè-lo engraxar. Como a graxa vae subir de preço!

E o pobre do *Tinhoso*, que já não confiava senão na subida do João Franco para lhe crescer o cabelo!

Pobre *Tinhoso*.

— Ha duas cousas que se devem temer: a inveja dos amigos e a raiva dos inimigos.

O SR. JAYME

E' certo, certissimo, que o sr. Jayme de Magalhães Lima desistia da eleição camararia por lhe ter sido notificado que perderia o logarsinho de agente do Banco de Portugal, com a bella bagalhoça e a especulação politica que elle representa, se persistisse n'uma lista accentuadamente francacea. Suppozémos nós ao principio que o sr. Jayme houvesse recuado por um bocado de pudor, ou por receio do elemento liberal. Mas o primeiro a desenganar-nos foi o *Chica*, nas primorosas cartas de que só demos, por enquanto, uma *amostrasinha*. E outros nos desenganaram depois.

Mas se Jayme de Magalhães Lima não desistiu da lista exclusivamente francacea para não perder o logarsinho de agente do Banco de Portugal, porque foi?

O governo preparava em dictadura uma reforma do Banco, na qual introduziria as disposições que lhe conviessem. Não foi por isso que Jayme enviou a cabeça e se submetteu? Então porque foi? A papeleta concorda que não foi, realmente, por o sr. Francisco Regalla ter ido a Lisboa fazer profissão de fé hintzacea. Então porque foi?

Porque foi que a papeleta não respondeu ao *Progresso de Aveiro* quando este periodico a desafiou a falar no assumpto?

Vamos a vêr se a papeleta de hoje nos dá pé para falarmos detidamente, no proximo domingo, do cidadão excelso que se chama Jayme de Magalhães Lima.

Vamos a vêr.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 25/33.

Libra no Brazil: 20371 réis; em Portugal, 5630 réis.

A NOSSA ATTITUDE

Sob este titulo lê-se na *Voz da Officina*, periodico democrata, de Vizeu:

N'outro logar damos um relato tão fiel quanto possível, do que se passou no tribunal d'esta cidade nos dias 16 e 17 do corrente, na primeira parte do julgamento dos individuos incriminados por *gentilezas* eleitoraes na assembleia de Silgueiros, em 3 de novembro de 1901.

Não aventuramos comentarios que se nos prefiguram justos; não firmamos a forma algo tumultuosa como por vezes correu aquella audiencia de julgamento, nem nos demoramos a censurar, de leve sequer, a circumstancia pouco edificante e legal de ás testemunhas se estarem a dirigir ditinhos por intermedio do illustre advogado sr. dr. Affonso Costa.

E limitar-nos-hiamos a esse relato, sem comentarios ou renouques, lavado de parcialidades, se duas referencias a este jornal, feitas pelo sr. dr. Affonso Costa, em pleno tribunal, não nos obrigassem a explicar e definir attitudes.

Insinuou s. ex.^a que houve tempo em que a *Voz da Officina* lhe rendia elogios.

E' uma verdade. E, se bem nos lembra, foi isso no tempo em que a administração progressista, quasi tão calamitosa como a regeneradora, provocava os clamores do nosso protesto, clamores que se tem erguido, erguem e erguerão sempre contra tudo que for incorrecto, injusto, deprimente da dignidade humana e prejudicial aos legitimos interesses da comunidade.

A esse tempo tomava s. ex.^a logar no parlamento, entre dois outros eleitos do povo, mandados á camara pelos cidadãos do Porto.

E na tribuna do parlamento, como nas tribunas populares, s. ex.^a defendia com calor os principios democraticos; atagantava com merecido vigor os erros, felonias e atrocidades dos politicos da rotação; proclamava na fluencia da sua palavra os direitos do homem e tomava com entusiasmo a defeza das classes espinhadas que trsuam com trabalho e soffrem de fome.

Não havia uma unica acção destuante a macular a brancura dos seus ideaes; não havia uma unica incoherencia de principios a expungil-o da sua auctoridade moral; não havia a transigencia d'uma unica curvatura a quebrar a rectidão do seu caracter.

Era como que um novo sol a irradiar claridades no horizonte da democracia portugueza.

Ao ouvir pronunciar o seu nome alvoroçava-se em esperanças coraçõ do povo.

Tanto se ia elle radicando na sympathia popular, que as greis monarchistas, presas de extranhos temores, lançaram mão de todas as formas e processos, ainda os mais deprimentes da dignidade d'um povo livre e do proprio prestigio da lei, para roubar-lhe o seu diploma de deputado.

E n'essas occasiões, quando o arbitrio auctoritario, a veniaga e tropelia eleitoraes e até o roubo descarado o defraudavam nos legitimos direitos que lhe conferia a vontade do povo, é que nós como elle, erguimos o rumor do nosso protesto contra esses vergonhosos e inconfessaveis processos de calcar a soberania popular, de violar o direito do soffragio, de escarnecer o prestigio da lei, enfim, e em bom portuguez — de roubar eleições.

E quando s. ex.^a houverá pouco mais de um mez, passou em Vizeu, de caminho para S. Pedro do Sul, ainda nós, firmemente crentes na intransigencia da sua fé politica, fomos ali abaixo, á estação, prestar-lhe o insignificante preito da nossa homenagem.

Dias depois, quando o vimos no tribunal de Vizeu sentado no logar reservado dos advogados e disposto a tomar a defeza de individuos accusados da pratica de fraudes o tropelias eleitoraes, muito semelhantes áquellas de que elle fora victima e contra as quaes tão justa e calorosamente levantara a sua voz em entono de protesto, sentimo nos tomados d'uma resolução tão grande e tão profunda, d'uma falta de confiança tão justificada nos homens e nas cousas, que não

podemos nem quizemos deixar de o fixar nas columnas do nosso humilde semanario.

E, porventura não era para desolações e descrenças vêr ali o sr. dr. Affonso Costa, o homem de principios austeros que nos acostumaramos a venerar, a sentinella vigilante das regalias populares, defendendo os salteadores d'essa mesma soberania, sendo patrono dos profissionais de latrocinios semelhantes áquelles que lhes estoryram o seu assento no parlamento?

Então, não soffreria a intransigencia de principios?

Então, não era motivo para profunda magua ouvir na defeza de trafficancias politicas a voz do tribuno que só consideravamos capaz de defender principios de justiça, questões de honbridade, direitos civicos e sociaes?

A aguia quebrára o vôo, deixára de dominar as alturas e viera roçar a aza por onde o sapo roja o ventre. E que nos ficava d'elle, d'esse homem que alancoraram-nos no mais elevado e puro das nossas aspirações? O advogado, sómente.

O politico, o democrata, a vigilante sentinella do prestigio da lei, o austero tribuno do povo, desaparecera.

Tomando conta de defezas d'aquella natureza, mentira ás esperanças que n'elle depositára a parte honesta e soffredora da nacionalidade portugueza.

Sentado n'aquella banca, havia de cumprir o seu dever de advogado, e, cumprindo-o, esquecia a sua fé politica.

Por isso nós affirmamos que, para nós, desapareceu o republicano para dar lugar ao advogado.

Foi realmente uma perda, e sensível para o partido republicano, perda que ha de atrazar a marcha das conquistas.

Não negamos esta verdade. Não é esse o nosso feitiço. Desolámo-nos com a situação que se creou o sr. dr. Affonso Costa, sómente.

E por isso, nós que em outro tempo lhe rendiamos o sincero preito da nossa admiração e merecidamente o elogiavamos, lamentamos hoje, n'um meio tom de censura, que s. ex.^a tomasse a defeza d'uma causa que em nome dos seus principios e da sua fé politica devia combater até.

Conservámo-nos no nosso posto. Não mudámos. S. ex.^a é que mudou.

Somos o que eramos outr'ora.

S. ex.^a é que já não é o mesmo. Porque reputavamos s. ex.^a um defensor dos opprimidos, impetrámo-lhe um dia que nos viesse defender em processo que contra nós se movia, por ter regido verdades duras a uma collectividade suíça de Vizen, o que provámos claramente em artigos insertos n'este jornal e publicando também uma certidão authentica extrahida dos livros d'essa collectividade por occasião de sermos julgados.

S. ex.^a respondeu que escrupulizava em envolver-se em questões que não fossem de méra politica avançada e que não fosse d'encontro aos ideaes, e que por isso não podia tomar a nossa defeza.

Respeitámos o escrupulo de s. ex.^a: não pondeu ou não quiz attender o nosso pedido particular, e nós continuámos a considerar o bem, a amal-o como politico de são principios.

Nunca trouxemos o despeito pessoal para os torneios da politica geral. E n'esta attitude nos conservámo-nos se a differença no accionar do sr. dr. Affonso Costa não viesse também mudar o nosso juizo a respeito da sua personalidade politica.

Mais nada. Viesse s. ex.^a defender entidades progressistas como reus do mesmo crime e a nossa attitude seria a mesma, sem mudança d'uma virgula.

Republicanos que elles fossem, tendo prevaricado, não os pouparíamos. E' exactissimamente a attitude que tomámos para com o sr. dr. Affonso Costa.

E' este o nosso senso moral, quer tenha de entender-se com progressistas regeneradores, republicanos ou socialistas.

Quem prevaricou soffreu a reprimenda. Quanto ao sr. dr. Affonso Costa ainda só ousámos lamentar a sua transigencia.

Já não dizemos bem de s. ex.^a, é certo mas também nos limitamos simplesmente a registar a nossa desolação pela sua attitude. Nada mais.

Promoção e transferencia

Acaba de ser promovido a general e transferido á 2.^a divisão militar, o sr. coronel Gama Lobo, que aqui exerceu com criterio o commando de brigada.

Sua ex.^a retira-se muito penhorado com todas as pessoas d'esta cidade, onde eram reconhecidas as excellentes qualidades que o adornavam.

Na quinta-feira andou s. ex.^a fazendo as suas despedidas pelas pessoas das suas relações.

Por absoluta falta de espaço ainda não podemos este numero continuar com o nosso folhetim *O olho de Vidro*.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 deve executar hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o que segue:

1.^a PARTE

El Sereno (ordinario).
Homenagem a Leiria (Ode Simphonica).

Souvenir de Serquigny (mazurka).
Côrte de Granada (phastasia Mourisca).

2.^a PARTE

Sur les eaux du Tage (port-pourri).
Morêna (walsa).
Passa Calle.

Fallecimentos

Com a idade de 24 annos e apóz doloroso e prolongado soffrimento, falleceu, na noite de sabbado para domingo preterito, n'esta cidade, a sr.^a Maria do Carmo dos Santos, extremecida filha da sr.^a Maria Clara dos Santos e irmã do nosso amigo sr. Henrique dos Santos Ratto, a quem enviamos o nosso sentido cartão de pezame.

—Na madrugada de quinta-feira também falleceu em Villa Nova de Gaya a sr.^a D. Maria Rosa Mariani Pinto, virtuosa esposa do sr. José Mariani e extremosissima mãe do nosso assignante e dedicado amigo, sr. Alvaro Mariani. Era a extincta uma bondosa e caritativa senhora.

A seu marido, filhos, e demais familia a expressão sincera da nossa mágua.

A' pedida

Na terça-feira passada, jogavam na melhor harmonia do mundo, o jogo da *pedida*, dois rapazolas da Beira-Mar.

Mas a folhas tantas, e por causa d'uma differença de 10 réis, as cousas azedaram-se a tal ponto que um d'elles lançou á agua as cartas com que jogavam.

Então o *parceiro* arranca iracundo d'um tamanco e parte-lhe a cabeça.

Agarram-se um ao outro, qual por baixo, qual por cima, rasgam-se, magoam-se e d'ahi a pouco vão de passeio até á esquadra. E no dia seguinte depois de interrogados foram entregues a juizo, onde prestaram termo de residencia, para mais tarde prestarem contas do resultado da *pedida*.

Instrucções

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, (ao Largo do Caldas), Lisboa, acaba de editar as *Instrucções* para execução do *Regulamento dos Serviços de Inspeção e Fiscalização dos Generos Alimenticios*, approvadas por decreto de 29 de novembro de 1902; seguidas do *Regulamento do Ensino de Pharmacia*, sendo o seu custo, 200 réis.

Empregados do Commercio

Recebemos da Commissão da Associação de Classe dos Caixeiros Portuguezes e do conselho director da Associação de Classe dos Empregados do Commercio do Porto, uma bem elaborada circular, onde com clareza e verdadeiro criterio se demonstram as actuaes circumstancias do empregado do commercio e o firme proposito em que estão de empregar os meios ao seu alcance para a realisação do estabelecimento d'um dia semanal de repouso para a sua classe.

Por falta de espaço não lhe podemos dar publicidade, como era o nosso desejo, mas a ella nos vamos referir no pouco espaço que nos permite dispensar. E' sympathica para nós e não o deixará de ser também para todos, a causa dos empregados do commercio portuguez.

Representa essa classe uma das forças vivas e activas do nosso paiz, e do que elles com justa razão se ufanam.

E' justo, justissimo até, que essa pleidade de rapazes, no geral novos e no vigor da mocidade, tenham também o seu dia de descanso, em compensação de oito dias de verdadeira reclusão.

Ninguem mais opprimido, ninguem mais encarcerado que o caixeiro.

E' facto que actualmentemente, e pelos rapidos progressos da civilisação, estão bastante suavizados os rigores de outras epochas, onde o caixeiro mais era olhado como um miseravel escravo do que como homem civilisado com direitos eguaes aos seus senhores.

E' verdade que hoje a maioria dos patrões vivem em bastante intimidade com os seus empregados, dispensando-lhes até os seus favores e auxiliando-os muitas vezes nas suas causas, como alguns os auxiliam n'esta.

Mas é também certo que, se isto se dá aqui e ali, não constitue no emtanto uma medida geral que é forçoso seja estabelecida.

E' olhando para todos que as duas Associações de Lisboa e Porto humanitariamente trabalham, empregando desinteressadamente as suas forças e a sua intelligencia, pelo que são dignos do apoio de todos.

Achando, pois, justissima a causa dos empregados do commercio, fazemos votos para que sejam attendidas as suas reclamações, folgando em vêr coroados do melhor exito os seus esforços.

A NOSSA CARTEIRA

Esteve em Aveiro o sr. dr. Luiz Pinto de Magalhães Mesquita, notario na Povoa do Varzim.

Partiu hoje para o Porto, a fim de ir coadjuvar uma *troupe* de amadores portuenses n'um espectáculo que realisa n'aquella cidade em beneficio do actor Arthur Santos, o distincto amator aveirense, sr. João Telles.

Embarcaram no dia 6, em Lisboa, a bordo do *Cazemgo*, com destino á Africa (Benguella), os nossos patricios Evaristo Rodrigues da Graça e Jeronymo d'Oliveira. Que sejam felizes.

Trichinose

Do governo baixou ordem a todos os intendentes de pecuaria dos districtos do continente, para facultarem gratuitamente o exame microscopico da carne de porco aos particulares, que queiram utilizar-se d'elle. Para isso devem ser enviadas ao mesmo funcionario districtal, de cada porco, seis amostras de musculo, cada uma das quaes não deve ter menos de 3 grammas de peso, colhidas junto do osso, nas seguintes regiões: *diafragma, olhos, laringe, musculos intercostaes, nuca e lingua*, acompanhadas do nome e morada do remetente.

Esses pequenos fragmentos musculares para exame podem ser enviados pelo correio.

N'esta epoca do anno em que tão

largo consumo se faz pelo paiz fora de carne de porcos do Alentejo, muitos dos quaes nascidos no visinho reino, e por isso suspeitos d'infestação do parasita da *trichinose*, impõe-se uma vigilancia sanitaria séria e activa por parte das auctoridades e do publico, que ponha a saude a coberto, quanto possivel, de tão pernicioso hospede.

Nem sempre a salga ou a decoção, por prolongadas que sejam, são sufficientes e seguros meios de destruição do verme. Todo o animal trichinado deve ser destruido pelo fogo.

Estas indicações são mais que sufficientes para se vêr a cautella, o cuidado, o escrupulo com que se deve proceder no uso ou consumo da carne dos porcos alentejanos. Note-se bem: não basta a salga para destruir o verme; não basta a decoção; todo o animal atacado de *trichinose* deve ser destruido pelo fogo.

Balles no Theatro

Tiveram o seu iniciamento na segunda-feira passada, no palco do *Theatro Aveirense*, os bailes carnavalescos da presente epocha.

Porém a concorrência foi muito deminuta, ao que nos consta.

Publicações a pedido

Ingenua Impertigancia

Mais uma vez também nós vimos roubar um espaçozinho ao *Povo de Aveiro*, mas não é para sustentar polémica. Longe de nós tal ideia.

A nossa méta é simplesmente divulgar ao mundo as famosas produções do sábio correspondente do *Janeiro*, á medida que as fôr publicando. Mais nada.

Nem mesmo sabemos quem possa ser o *impio* que ousará levantar olhos profanos para o nobre e muito sábio reproductor das nossas antiguidades.

Nós bem o diziamos. Nós acertadamente cantámos as suas glorias e vamos continuando a fazel-o para lustre seu e da terra que lhe foi berço. Repare o mundo boquiaberto n'aquella nova peça litteraria sahida no *Progresso*.

Bem diziamos nós: *Estupidos examinadores, homens sem intelligencia nem coração, como reprovastes, vós, uma intelligencia assim?*

Revejam-se n'aquella obra e depois digam-nos se sim ou não a humanidade e a sciencia não soffreram uma perda enorme com as suas addições! Mas não tem duvida; vós não o fizestes professor, mas elle nada perderá com isso. O pedestal de *olaria* nunca existiu, e justamente porque nunca existiu é que elle tem maior valimento e lhe dará mór gloria.

Será então feito o pedestal em *olaria* e o busto de s. s.^a fundido em barro. Justamente o contrario do que desejavamos. Mas logo que s. s.^a nos faz sciente que pedestaes de *olaria* nunca existiram, então terá a gloria d'um pedestal de *olaria*, unico no genero *arte nova*.

Zangou-se, e com razão, s. s.^a por termos estopiado um verso de Camões. Ora ahí está como a gente se engana, como erra e paga também os erros dos outros.

Mas julgavamos que se dêssemos *poder* a s. s.^a o alevantavamos mais que dando-lhe *valor*.

E' isso devido a termos lido algures que *poder*, representa *poder divino, angelico e humano*.

Assim, por exemplo, Vasco da Gama, espantado d'uma horrivel figura que lhe appareceu, pondo os olhos no céu, exclamou:

— *O' potestade sublimada!*
Talqual como o mundo diz perante o magestoso vulto de s. s.^a.

E parece-nos que não ha *potestade* sem *poder*.

Mas engano, engano, sem ser o d'alma lèdo e cêgo.

Tremeram com certeza os ossos de Camões (se não as materias em que estes se converteram, não vá s. s.^a tomar conta na palavra) debaixo da fria terra do cemiterio com o estropiamento feito aos seus versos.

E s. s.^a que muito bem pôde estar

influenciado pelo espirito do grande cantor das nossas glorias patrias, veio pressurosa e louvavelmente remediar a falta... publicando *ipsis-verbis*, o verso do grande homem.

Como o seu espirito, lá nas alturas, lhe deve estar reconhecido!

E o paiz cumprirá, com certeza, o seu dever, não se esquecendo do pedestal. Nada, não pôde ser por menos. Uma estatua ali, no largo Municipal, para s. s.^a, vae ser pedida em altos gritos pelas *massas* reconhecidas, como em altos gritos pedem as creanças a *Emulsão de Scott*.

Tem que ser. E lembrarmo nos de que estivemos para o escrever d'esta maneira:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta
Que outro *cyclope* mais audaz a supplanta!

Então é que cahiria o Carmo e a Trindade! Era apoplexia pela certa.

E sem razão; porque já o *Ferreira do chocolate*, sem querer recoger versos de Camões mas só inaltecer a sua mercadoria em menosprezo da do Mathias Lopez e do Meunier, publicava em cartazes:

Cesse também de Meunier a gloria
Que toda a imprensa paga, exalta e canta!
Risquem-se os dois das paginas da historia
Que outro *chocolate* se levanta.

Foi por Deus não ter então s. s.^a conhecimento do caso.

Deu-nos, entretanto, s. s.^a (a nós e ao mundo) a satisfação de mais uma vez admirarmos a sua fina e delicada prosa, em velho estylo, e mostrou-nos de quanto é capaz quando quer tratar de tudo: velho, novo, trapos e farrapos.

Tamos até tendo sérias desavenças por causa d'isso, porque algum se lembrou de nos dizer que s. s.^a tinha agatanhado horrivelmente o portuguez de nossos avós.

— Falso, falsissimo, contestámos nós. Quem escreveu isso é uma sumidade no assumpto, que não se engana nem é susceptivel de se enganar.

E' um *astro luminoso*.

Isto ia-nos valendo sérios desgostos. Mas nós, dê por onde dêr, corra por onde correr, ficaremos firmes no nosso posto, clamando perante o universo inteiro, que o sábio urso (não se offenda que é termo academico), o sábio sem rival (como a graxa do Saturnino) se acha dentro dos muros d'esta cidade.

E depois queira-nos ainda mal por isso!

E vá o distinctissimo professor em prospectiva, dando a lume produções litterarias de equal theor, com a sancção das lascivas *aguias* que o atigam e o applaudem e verá como as humildes apreciações dos *samicas inscientes* ao seu abalisadissimo talento, concorrerão bastante para a sua apeteccida immortalidade.

E deixe os *perros castelhanos*, que elles se agarrarão, para que não mordam a *agulheta da chuchadeira*.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	960
» encarnado.....	15050
» manteiga.....	800
» amarelo.....	800
» mistura.....	760
» caraça.....	15000
» frade.....	800
Milho branco.....	570
» amarelo.....	540
Trigo gallego.....	15060
» tremez.....	960
Batatas, 15 kilos.....	220
Ovos, duzia.....	140

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer.

Installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

JUNTA ADMINISTRATIVA
DAS
OBRAS DA BARRA
E
RIA D'AVEIRO
EMPREITADAS

DE
Pavimento para construção da Estrada de ligação do Canal de S. Roque com a Estação do Caminho de Ferro de Aveiro

FAZ-SE publico que no dia 19 de Fevereiro proximo, pelo meio dia, na Secretaria d'esta Direcção, sita no Largo de S. Braz, da cidade de Aveiro, perante a comissão presidida pelo engenheiro director, se procederá á recepção e abertura de propostas em carta fechada para a adjudicação dos trabalhos de construção da faixa de rolagem da referida estrada, n'uma empreitada geral, na extensão de 764m,17, com a base de licitação de réis 1:141\$670, ou, no caso de não haver concorrente para esta, em 3 empreitadas parciaes, a saber:

PERFIS EXTREMOS	DESIGNAÇÃO DOS TRABALHOS	EXTENSÃO	BRITA	BASE DE LICITAÇÃO
0 a 13	Abertura de caixa, empedramento e cylindramento ...	230m,42	264mc,983	346\$550
13 a 24	Idem, idem ...	244m,69	281mc,394	368\$015
24 a 35	Idem, idem ...	289m,06	332mc,419	426\$075

O deposito provisorio para licitação da empreitada geral é de 30\$000 réis e será effectuado por meio de guia passada na Secretaria da Junta até ás 3 horas da tarde da vespera da arrematação. O deposito provisorio para cada uma das 3 empreitadas, na hypothese indicada, será de 10\$000 réis, feito independentemente de guia, perante a comissão do concurso, no acto d'este. Os depositos definitivos serão de 5 p. c. da importancia da adjudicação. O processo d'este concurso, contendo condições, encargos, medições e desenhos, está patente na Secretaria da Junta e na d'esta Direcção, em todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro, 30 de Janeiro de 1903.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

João Rodrigues Pinto Brandão.

Cura do rheumatismo

O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda
RIO TINTO

VENDA DE CASA

Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente á egreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

LANDEAU

VENDE-SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho e vendido no mesmo estabelecimento.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
B. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO
Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.
Largo do Rocio. 13 a 14

Catecismo Moderno
(ILLUSTRADO)
Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.
Preço 50 réis
A venda na Livraria Elysió — Rua Formosa, 282 PORTO

COSINHA PORTUGUEZA
ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS (Producto reservado a um fim patriótico e piedoso)
2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.
795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 85); 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 34; Doces de chá, 155. —Total 795.
A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

O DILUVIO
Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Seldá Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heróicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.
A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores
Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Successora da antiga casa David Corraes
Viagens Maravilhosas
Coroadas pela academia franceza
A CARTEIRA DO REPORTER
POR JULIO VERNE

SIGAMOL-O!
Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande es. p. to polaco.
Trad. de EDUARDO NORONHA
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.
Preço 500 réis
A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
DA ACREDITADA FABRICA
"PFAFF,"
Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Eusino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meuninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Pegam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a
José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS

O FOGO
Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.
DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100
Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ROLÃO PALMA
ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe
AVEIRO

SEM DOGMA
Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do
QUO VADIS?
tradução de EDUARDO DE NORONHA
300 rs. cada volume 300
A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
POR JOÃO DE MENEZES
A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79